



RELATÓRIO e AUTOCRÍTICA

da Direcção Provisória da
União Comunista (marxista-leninista)

Aprovado na I Conferência de
Constituição da

**UNIÃO COMUNISTA para a
RECONSTITUIÇÃO do PARTIDO
(MARXISTA-LENINISTA)**



Preço 5.00

Edição de "O Comunista"

ABM

I - UMA LINHA SECTÁRIA E ANTI-PARTIDO

Ainda no número 6 do jornal comunista "A Classe Operária", num artigo sobre a repressão social-fascista ao M.R.P.F., considerámos que para reconstituir o P.C.P., as duas condições fundamentais a exigir simultaneamente, eram: estar definida uma linha política comunista, justa para a actividade do Partido, e existir significativa proletarização nas fileiras dos marxistas-leninistas.

Sendo assim, nada poderia impedir que qualquer uma das organizações comunistas actualmente existentes, desde que "comprovasse" obter uma com posição social marcadamente operária, e definisse através da sua propaganda partidária uma linha e um programa corretos no essencial, poderia POR SI SÓ reconstituir o P.C.P., sem se ver obrigada ao que quer que se ja em relação ao restantes comunistas portugueses e às outras organizações marxistas-leninistas.

Sobretudo, sem se ver obrigada ao debate da linha ideológica e política para o Partido junto dos outros comunistas portugueses e suas organizações; sem se ver obrigada a fazê-lo com a justa finalidade de unificar em torno dessa Linha Ideológica e Política correcta tudo quanto fosse possível unificar para a reconstituição do Partido Comunista Português.

Para além do mais, de acordo com tal orientação defendida pela U.C.M.L., a reconstituição do Partido iria aguardando "uns bons tempos", provavelmente marcando passo como nos últimos oito anos, à espera que uma ou várias organizações comunistas dessem cumprimento à tão insistentemente salientada condição "fundamental" da proletarização, e ganhassem então essa "competição". E só então, tomariam a decisão, para além do mais SECTÁRIA, de fundarem o "seu" Partido, com exclusão de todos os outros comunistas portugueses e suas organizações marxistas-leninistas "menos proletarizadas", adoptassem ou não estas a Linha Ideológica e Política correcta, quisessem ou não a unificação dos comunistas e a reconstituição do Partido Comunista Português.

Chama-se a isto defender uma linha anti-Partido porque atrasa por mais ou menos tempo a reconstituição do P.C.P., com base numa condição secundária de maior proletarização das fileiras comunistas; e uma linha sectária, cisionista porque contrária à unificação dos comunistas portugueses, alimentadora da sua divisão, neste caso arranjando como pretexto para isso o falso critério "essencial" da composição social desta ou daquelas organizações marxistas-leninistas.

II - A VIA JUSTA

Para os comunistas, a reconstituição do seu Partido faz-se através da unificação dos comunistas portugueses, hoje na sua maioria dispersos por várias organizações marxistas-leninistas, em torno de uma Linha Ideológica e Política correcta e de uma direcção central única de acordo com o centralismo democrático.

O que é fundamental para os autênticos marxistas-leninistas que pretendem reconstituir o Partido Comunista Português, é definir com base nos princípios do marxismo-leninismo e na análise correcta da situação portuguesa, uma Linha Ideológica e Política o mais correcta possível, propagá-la junto de todos os comunistas, desenvolver a luta ideológica activa contra as ideias erróneas e oportunistas existentes no movimento marxista-leninista actual, esforçar-se para que todos os comunistas e suas organizações participem no debate, e procurar que daí resulte a unifica-

ção dos autênticos marxistas-leninistas para a reconstituição do Partido.

Para os verdadeiros comunistas a justeza da Linha Ideológica e Política é ESSENCIAL para que o Partido cumpra o seu papel de "instrumento de ditadura do proletariado" e de "vanguarda da classe operária", conforme o salientaram Lenine, Staline e Mao Tsé-Tung.

Deste modo, reconstituir-se o Partido com uma Linha Ideológica e Política o mais correcta possível é uma das duas condições fundamentais para o seu aparecimento. Certamente que com base na aplicação e melhoria da sua justa Linha Ideológica e Política, o então recém-reconstituído Partido, se tiver poucos e fracos quadros, pouca proletarização, poucas células e comités, e fraca ligação às massas, ganhará tudo isso. Como salientou o camarada Chou En-Lai "se uma linha é justa, teremos s dados mesmo se ainda não tivermos um único sequer, e teremos o poder m mesmo que ainda o não tenhamos".

E o Partido reconstituído tem de ser o Partido dos comunistas portugueses, dos marxistas-leninistas que defendem uma Linha Ideológica e Política correcta, e não apenas a criação unilateral e sectária por um punhado deles.

Na luta pela reconstituição do Partido há que não afastar da luta ideológica activa, qualquer camarada ou organização irmã, sob que pretextos for, desde a "falta de ligação às massas", ou a falta de "ligação à vanguarda da classe operária" à "falta de pressa frenética" para a proclamação da reconstituição do Partido.

Nessa luta ideológica activa em torno da VIA para o Partido e da sua Linha Política, há que criar as melhores condições e incentivar de verdade a participação de todos os comunistas e organizações marxistas-leninistas. Há que aprofundar esse debate o suficiente para que as ideias justas estejam o mais claras possível e as divergências existentes no movimento marxista-leninista também, de modo a que qualquer camarada ou organização irmã possa tomar uma posição reflectida no sentido correcto ou incorrecto.

É a isto que se chama "luta pela unificação dos comunistas" como já salientaram os camaradas de "O COMUNISTA". E esta é a segunda condição fundamental para reconstituir o nosso Partido.

III - COMO NASCEMOS E PARA QUÊ

Se a União Comunista (Marxista-Leninista) não defendia estas concepções correctas atrás sucintamente expostas, tal facto não é evidentemente produto do acaso.

É necessário compreender bem qual é a situação que está na nossa origem, e quais os propósitos que animavam os nossos primeiros dirigentes.

A União Comunista (Marxista-Leninista) constituiu-se em Dezembro de 1973 na continuação do então extinto Comité Comunista de Portugal, organização criada dois anos antes por um reduzido núcleo de intelectuais, entre os quais dois elementos que haviam traído anteriormente nas cadeias fascistas.

Apesar de adoptarem a mesma linha política e programas à data seguidos simultaneamente pelo "partido" de Eduardo Vilar" e pelo "O Bolchevista", decalcados de um documento redigido nas cadeias fascistas por Martins Rodrigues, resolveram constituir-se "à parte" como mais uma organização reivindicando-se do m-l e da reconstituição do Partido. A justificar o seu aparecimento na cena política apenas uma pouca divulgada ori-

ginal via" em "três etapas" para a criação do Partido, forjada por um dos dois elementos que haviam traído na cadeia que mais tarde desertou da actividade, procurou criar mais outra organização, e já depois do "25 de Abril" passou a publicar uma revista "independente" que à data apoia a O.R.P.C. (m-1).

Tal "original via" das "três etapas" não era mais do que uma amálgama de posições anti-partido e sectárias, desprezando a unificação dos comunistas à data existentes, pregando em teoria a necessidade da proletarização, instituindo que a partir do remoto momento em que um satisfatório número de células existisse à escala nacional, bem como um "embrião" de exército vermelho e de frente única da classe operária, condições a serem preenchidas em "etapas" sucessivas, se deveria passar então à reconstituição do Partido. E se na teoria se falava de galgar tais "etapas", na prática centrou-se o recrutamento e as esperanças nos presos políticos que haviam traído nas cadeias e em elementos oriundos de meios intelectuais, predispostos a abraçar tal teoria sectária e anti-Partido, graças à influência sobre si da ideologia pequeno-burguesa e à sua condição de classe.

Acaso trouxe o Comité Comunista de Portugal no domínio da luta política e da via para a reconstituição do P.C.P. algo de novo e correcto que servisse para a unificação dos comunistas?

É claro que não. Nada de correcto dava razão ao aparecimento e permanência do chamado "Comité Comunista de Portugal", apenas o espírito cisionista pequeno-burguês, o espírito oportunista anti-Partido e sectário que dominava os elementos que a criaram o justificava cabalmente(1).

Mas não foi, de forma alguma, na base destas justas conclusões que se extinguiu o Comité Comunista de Portugal em Dezembro de 1973. Desde Agosto do mesmo ano que alguns militantes vinham criticando o mau funcionamento organizativo do Comité e o desprezo na prática pelo recrutamento entre os elementos activos da classe operária. A necessidade de definição e aplicação de uma mais eficaz linha de organização, a deserção da maioria dos dirigentes perante a ameaça de repressão fascista e as críticas internas que se levantaram, e a identificação pela PIDE de alguns militantes do Comité, levou os elementos que efectuaram reuniões de Agosto a Dezembro de 1973 a extinguir o Comité e a criar a União Comunista (Marxista-Leninista).

- (1) Há que aclarar bem a diferença entre a atitude cisionista dos elementos que criaram o Comité Comunista de Portugal aqui retratada e a atitude correcta própria de marxistas-leninistas. Se existe um núcleo de comunistas que querem organizar-se para melhor trabalharem pela reconstituição do Partido, eles devem primeiro do que tudo procurar analisar as organizações marxistas-leninistas já existentes, procurar analisar com espírito de unidade e de franqueza os seus aspectos positivos e negativos, procurar resolver as divergências porventura existentes com a organização camarada que tiver no fundamental aspectos correctos, e só devem procurar organizar-se independentemente, em mais uma organização marxista-leninista, se as divergências com as restantes forem de princípio e se manterem irresolúveis após as discussões feitas. Foi este método incorrecto que nos demonstraram as atitudes das camaradas do Ex. Núcleo José de Sousa face às organizações camaradas existentes. Os verdadeiros comunistas guiam-se sempre pelo espírito de unidade, pelo espírito proletário de unir os comunistas, e não de os dividir, sob pretextos fúteis, até ao infinito.

Mas não foi, de forma alguma, na base destas justas conclusões que se extinguiu o Comité Comunista de Portugal em Dezembro de 1973. Desde Agosto do mesmo ano que alguns militantes vinham criticando o mau funcionamento organizativo do Comité e o desprezo na prática pelo recrutamento entre os elementos activos da classe operária. A necessidade de definição e aplicação de uma mais eficaz linha de organização, a deserção da maioria dos dirigentes perante a ameaça de repressão fascista e as críticas internas que se levantavam, e a identificação pela FIDE de alguns militantes do Comité, levou os elementos que efectuaram reuniões de Agosto a Dezembro de 1973 a extinguir o Comité e criar a União Comunista (Marxista-Leninista).

Desta forma a União Comunista nascia sob o signo das MESMAS concepções anti-Partido e sectárias das "três etapas". O que preocupava os camaradas que estão na base da constituição da U.C.M.L. era apenas levar efectivamente à prática, de acordo com métodos de trabalho e de organização mais correctos a linha defendida anteriormente, de penetrar no meio operário, alargar aí o recrutamento para as células, avançar na organização frentista das massas operárias, etc... O espírito sectário e anti-Partido permanecia com armas e bagagens, só que os dirigentes mudaram, tal é a conclusão a retirar do aparecimento da U.C.M.L.

O primeiro documento escrito é o "Juramento do Militante" no qual se escreve com todas as linhas os propósitos que abraçavam então os primeiros dirigentes. Lá se consagrava que a U.C.M.L. fazia profissão de fé de "escorraçar os radicais da pequena burguesia, que pretendem usurpar o papel de vanguarda, alardeando serem os verdadeiros marxistas-leninistas, constituindo-se como "o embrião do Partido Comunista" no nosso país.

E conforme se esclareceu mais tarde, os militantes da U.C.M.L. "afirmam peremptoriamente" que a sua "tarefa fundamental" é proletarizar a organização e ganhar uma dimensão à escala nacional, e que feito isto "existem todas as condições para a fundação do Partido"...

Não haverá certamente afirmação mais clara de propósitos sectários e anti-Partido.

Resta acrescentar que só muito tardiamente, nos meses de Maio/Junho de 1974 se resolveu dar a conhecer mais claramente a nossa origem aos militantes que iam aderindo(5), criticar pela primeira vez a teoria das "três etapas" e elaborar uma "nova linha" de orientação num "projecto de linha política e programa" então discutido e publicado, o qual apesar de abandonar a defesa da teoria das "três etapas", mantinha em toda a linha os pontos de vista sectários e anti-Partido anteriores.

xxx

- (2) A primeira tarefa foi a redacção de um projecto de Estatutos que nunca chegou contudo a ser publicado até à data.
- (3) Facto que só compreendemos em Julho de 1974, em circular do "Páginas Vermelhas" Nº 4 pp 7-9.
- (4) "Páginas Vermelhas" Nº 3, Junho de 1974 P. 12.
- (5) Idem, Circular Nº 5 da Comorg, pp 11-18.

xxx

Considerava tudo e todos de "partidos políticos da pequena-burguesia radical", achava^{que} a unificação era "uma proposta utópica e irrealizável", era extremamente difícil", defendia como "condições essenciais para a convocação do congresso de fundação do Partido", a proletarianização, a dimensão nacional, o "reconhecimento" pela classe de ser a "vanguarda dirigente dos seus combates mais importantes", bem como a criação da "base mínima" da "frente única" da classe operária...(6)

Mais tarde, quando as posições do CARP(ML) pela unificação dos comunistas portugueses se propagam, temos o arrojo de negar a pés juntos a existência de comunistas e de organizações comunistas no nosso país, tomamos partido pelo sectarismo em nome do ataque do real unitarismo do CARP(ML), então considerado o isso mais grave, insistimos na falta de operários como a "doença real do movimento" etc... (7).

Já só em Janeiro deste ano (8) deixamos de falar na necessidade do "reconhecimento" pela classe e no embrião de frente única operária como "condições essenciais" para a reconstituição do Partido, bem como fizemos uma auto-crítica superficial e nada satisfatória ao nosso sectarismo acirrado, então vivamente criticado por várias organizações marxistas-leninistas e por alguns camaradas da organização, auto-crítica essa que pela sua fragilidade temos de considerar de "oportunidade" (9), ou seja oportunista.

As manifestações desta linha foram várias:

Tal como a negação de que existissem então organizações marxistas-leninistas, donde o malabarismo oportunista na linguagem de se falar de organização "que se reclamam do marxismo-leninismo";

tal como a negação de que existissem comunistas naquela altura, considerando-se os próprios elementos da UCML como "revolucionários" que seriam no futuro comunistas, mas que naquela altura ainda não o eram... apesar de se considerarem o "embrião" do P.C. ! ;

tal como a directiva de só se entender a unidade com quem cindisse das organizações por nós, na altura, consideradas "radicais pequeno-burguesas" e em "fase de decomposição acelerada";

tal como a indicação central de fortalecer a organização através do recrutamento de elementos activos da classe operária, ainda não contaminados pela ideologia comunista, o que chamávamos a "vanguarda espontânea" à qual deveríamos transmitir o ABC do marxismo-leninismo, com desprezo manifesto pelos operários activos da classe operária já politizados e que se manifestavam nas lutas políticas anti-fascistas... julgando nós que o movimento operário era uma folha em branco no que toca ao comunismo!;

tal como os objectivos com que realizámos contactos com o CARP(ML), afirmando explicitamente que não estávamos ali para albançar a unidade, mas tão só para discutir ... e concertar uma ou outra colaboração num terreno de luta de massas;

tal como os nossos militantes manifestavam diversas vezes sectarismo na sua actividade prática, como na unidade Anti-Colonial, na formação da Associação Portuguesa de Trabalhadores e noutras iniciativas;

tal como centrámos o fogo da crítica no unitarismo do CARP(ML), sem ver nada de positivo nas suas propostas, e sem tomar em linha de conta qual era o desvio que predominava no movimento, o sectarismo o qual ajudámos a reforçar diante das críticas de que começava a ser alvo entre os marxistas-leninistas;

tal como tomámos uma atitude ultra-sectaria aquando das eleições para a Assembleia Constituinte, afastando-nos completamente do terreno de luta onde se concentravam os marxistas-leninistas com vistas à sua unidade.

(6) Ver "Linha Política e Programa" Parte II, sobretudo pontos 1, 2, 4, 8, 18, 27, 29, 34, 37 e capítulo 4º.

(7) "Vanguarda Vermelha" nº1 Junho de 1974

(8) 2 edições especiais de "Vanguarda Vermelha".

(9) 2ª edição especial de "Vanguarda Vermelha", crítica à UCML e NJS pp 50-1 - "A nossa autocrítica".

Se fizémos este apanhado geral da vida da UCML foi porque ele permite que fique claro aos olhos dos camaradas a linha que defendiamos.

A maioria dos nossos militantes aderiu à UCML porque encontrava na preocupação da proletarização defendida na propaganda de "Vanguarda Vermelha", algo de correcto e fiel aos princípios do Partido, que de facto nenhum marxista - leninista autêntico pode negar. Para os comunistas qualquer célula ou militante tem obrigação de alargar o recrutamento junto dos elementos mais activos da classe operária. Isso é indiscutível certamente, e por isso a maioria dos camaradas não compreendeu logo o fundo da nossa linha sectária e anti-Partido.

É que a questão FUNDAMENTAL que qualquer camarada deve colocar a si próprio é saber se o fortalecimento INTERNO com mais células operárias de uma dada organização marxista-leninista é a tarefa principal? Ou se, pelo contrário, essa tarefa é secundária face à obrigação prioritária de se unificarem no Partido reconstituído os comunistas à data existentes, dispersos por várias organizações, sejam poucos ou muitos, sejam na maioria de origem social pequeno-burguesa ou proletária?

E isto tem que ver com esta outra pergunta: É se se considera que existem OUTROS comunistas e organizações marxistas-leninistas fora das nossas fileiras? Ou se pelo contrário achamos que não, e que o que é preciso é forjar os "primeiros" comunistas a partir do nosso trabalho de recrutamento junto dos elementos mais activos sem partido da classe operária?

E tomar ainda claramente partido na questão se se considera que o FUNDAMENTAL é a justeza de uma Linha Ideológica e Política e o reagrupamento dos comunistas em seu torno, mesmo que sejam poucos e na sua maioria ainda não sejam operários?

É que os militantes da U.C.M.L. têm de tomar partido claramente por uma resposta acertada a estas questões; pois erguiam como bandeira fundamental a composição social, e negavam DECLARADAMENTE (como até à data nenhuma organização marxista-leninista o fizera abertamente) a existência de comunistas no nosso país, tendo a "Vanguarda Vermelha" os seus responsáveis enchido muitas dezenas de páginas com falsas justificações teóricas em abono de tais princípios sectários e anti-Partido.

É a justeza ou não dessa orientação que defendiamos; é saber se se é comunista ou oportunista; se serve a criação do Partido ou não, se em última análise serve a burguesia ou o proletariado, que temos obrigação de debater nas nossas fileiras.

No entender da direcção provisória da U.C.M.L. tal orientação é errada oportunista, sectária e anti-Partido, e serve em última análise a burguesia e não o proletariado.

Assim, não se trata duma linha marxista-leninista, no essencial correcta, com vários erros, frutos principalmente da inexperiência de trabalho e de desconhecimento do marxismo. NÃO, TRATA-SE DE UMA LINHA NO ESSENCIAL ERRADA, OPORTUNISTA FRUTO DO ESPÍRITO ANTI-PARTIDO E SECTÁRIO, que como comunistas temos de corrigir aberta e profundamente. Não devemos embarcar em "autocríticas" ligeiras de que tínhamos umas "falhas" fruto da nossa "juventude" e falta de "acumulação de experiências" ...

Mas se a direcção provisória da U.C.M.L. pôde chegar a todas estas conclusões gerais, que mais à frente iremos desenvolver, isso deve-se por um lado ao facto de que uma das organizações marxistas-leninistas, a União Comunista para a Reconstituição do Partido Marxista-Leninista, U.C.R.P. (m-1) definiu acerca da via para o Partido uma orientação correcta, marxista-leninista, cuja justeza os camaradas nos mostraram nas discussões havidas entre as duas direcções.

Daf que a Direcção Provisória da U.C.M.L. tenha chamado a atenção dos camaradas para o estudo e discussão dos artigos sobre o problema in serido no periódico marxista-leninista "O COMUNISTA", e considere que eles constituem a BASE FUNDAMENTAL da linha marxista-leninista para a reconstituição do Partido.

Por outro lado, se a justeza das posições dos camaradas da U.C.R.P. (m-1) ^{nos} ganharam às posições correctas isso deveu-se, em primeiro lugar, ao facto dos dirigentes da U.C.M.L., apesar de haverem cometido erros graves de oportunismo, souberam reconhecê-los abertamente, aderir às posições marxistas-leninistas, colocar o espírito de unidade e de Praticidade no posto de comando, e tomar a vanguarda na luta pela correcção dos erros à escala de toda a organização.

Em segundo lugar, tal se deu porque a esmagadora maioria dos militantes da U.C.M.L. queria verdadeiramente lutar pela reconstituição do Partido, objectivo em torno do qual se haviam mobilizado e que os haviam levado a aderir à U.C.M.L. . Se o oportunismo dos dirigentes da U.C.M.L. imperou sem grande contestação da parte dos militantes, isso deveu-se muito ao baixo nível ideológico da maioria deles, e ao seguidismo a que isso deu origem, mas nunca porque fossem elementos corruptos.

A correcção do oportunismo da U.C.M.L., a autocritica dos seus dirigentes, e a aderência da massa de militantes às posições correctas, foi a primeira victória da justa linha dos camaradas do U.C.R.P. (m-1), e assume significado importante na luta pela reconstituição do Partido, neste momento.

Disto devemos nós, militantes da U.C.M.L., ter plena consciência e esforçarmo-nos por estarmos à altura de levarmos até ao fim a nosso autocritica.

Com esta Conferência a nossa organização ~~dissolver-se-á~~ do escalão superior ao inferior, e todos nós continuaremos o combate pelo Partido juntamente com os camaradas da outra organização irmã, U.C.R.P. (m-1), que aqui também se dissolverá. Juntos, baseados nos mesmos princípios numa só organização em torno de uma linha única e de um centro único, alcançaremos ainda maiores victórias na luta pelo Partido.

Viva o marxismo-leninismo!

Avante pela unidade dos comunistas e
pela reconstituição do Partido!

...

O documento que a seguir elaboramos é constituído pelos seguintes pontos que julgamos serem necessários para a discussão da via para o Partido:

- I - Concepção de Partido Comunista
- II - Condições fundamentais para a sua criação
- III - Como e quando reconstituir o Partido Comunista Português
- IV - Posição comunista e posição oportunista face aos elementos que traíram nas cadeias fascistas

CAPÍTULO I

CONCEPÇÃO DE PARTIDO COMUNISTA

Sê queremos criar um Partido Comunista, é preciso necessariamente saber o que isso é; é preciso dominar o ABC dos princípios fundamentais que o regem.

Se para aqui respondermos a isso nós vamos basear nos clássicos do marxismo-leninismo, e em particular nos "Princípios do Leninismo" de José Staline, não é porque queiramos que se aprenda de cor e salteado quais são as seis características e os quatro métodos do Partido Comunista (1), ou que queiramos sequer exigir como condição que o Partido reconstituído, à sua nascença, seja já um espelho de todas aquelas características que Staline, em 1924, considerava serem próprias de um Partido Comunista plenamente edificado.

Ao estudo dos "Princípios do Leninismo" fomos procurar o que é o principal para caracterizar tal Partido reconstituído como comunista, distinto de todos os outros partidos existentes.

a) O PARTIDO COMUNISTA É UM "PARTIDO DE TIPO NOVO", "INSTRUMENTO DA DITADURA DO PROLETARIADO"

Staline salienta nos "Princípios" que o proletariado tem necessidade do Partido Comunista para conquistar, e posteriormente manter e consolidar, a sua ditadura. Daí que o considere o "instrumento da ditadura do proletariado".

Ora foi, Lenine o primeiro a mostrar claramente a necessidade prática de tal Partido, com base na análise marxista que fez da época actual do capitalismo, que considerou na sua "etapa superior", no imperialismo, período em que as contradições do capitalismo atingiriam o ponto máximo, para além do qual a revolução proletária se torna uma questão de "actividade prática imediata".

Nestas circunstâncias objectivas, próprias deste novo período, o proletariado - a classe mais revolucionária da sociedade actual, cuja missão histórica já havia sido definida teoricamente no século passado pelos fundadores do socialismo científico, Marx e Engels - precisa necessariamente de se dotar de uma arma capaz de levar adiante a revolução proletária e a instauração da ditadura do proletariado, e posteriormente mantê-la, consolidá-la e estendê-la.

Ora tal arma não existia pelo tempo de Marx e Engels, nem posteriormente durante o período de domínio da 2a. Internacional social-democrata.

A altura em que militaram Marx e Engels fora o período em que o imperialismo e as suas contradições^{nao} estavam desenvolvidas, e que consequentemente "a revolução proletária não era ainda, directamente, praticamente, uma coisa inevitável" e dessa forma não se tornava uma "questão de actividade prática imediata", a exigir um partido do tipo que o leninismo veio a definir, no principio do nosso século.

Posteriormente a Marx e Engels, surgiram os partidos revisionistas dominados pela II Internacional social-democrata, os quais não passavam de "partidos burgueses para operários", de partidos chefiados por agentes da burguesia no seio do proletariado, recrutados numa camada privilegiada da classe operária, a "aristocracia operária", que no novo período

(1) São importantes os capítulos 2 e 8, a este respeito.

de desenvolvimento do capitalismo, se pôs de armas e bagagens ao serviço da burguesia imperialista dos seus países. Isto significa, evidentemente que tais partidos sociais-democratas da II Internacional não eram partidos proletários, partidos para a luta revolucionária pela conquista do poder pelo proletariado.

"Daí a necessidade de um novo partido, de um partido combativo, revolucionário, suficientemente corajoso para levar os proletários à luta pelo poder, suficientemente experimentado para enfrentar as condições complexas de uma situação revolucionária, e suficientemente hábil para contornar os escolhos de toda a espécie que aparecem pelo caminho que leva ao objectivo supremo".(2)

Tal era a nova arma necessária ao proletariado; tal era o "partido do tipo novo" que urgia criar, cujos princípios Lenine apontou nas suas obras e cuja aplicação resultou na edificação do primeiro partido comunista, o Partido Bolchevique da Rússia, que em 1917 haveria de instaurar a ditadura do proletariado no seu país.

Após o triunfo da revolução proletária na Rússia e a criação da III Internacional Comunista dezenas de partidos comunistas, de partidos do tipo novo, de partidos proletários para a instauração da ditadura do proletariado se criaram por todo o mundo. Também no nosso país, em 1921, se criou tal partido.

b) DEFENDER O PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS CONTRA OS SEUS INIMIGOS.

Para os marxistas-leninistas autênticos do nosso país, o P.C.P. foi criado em 1921, como secção portuguesa da Internacional Comunista (SPIC) apesar de todas as suas deficiências doutrinárias e táticas. Em torno do seu primeiro jornal "O Comunista", órgão central do Partido, se agruparam os primeiros comunistas portugueses, se bem que de permeio com elementos aventureiros e anti-partido, que o fogo da actividade militante foi depurando.

Ao longo de mais de 4 décadas, o nosso partido foi a vanguarda da luta da classe operária e das massas trabalhadoras portuguesas contra a exploração capitalista e o odioso fascismo salazarista; o seu jornal "Avante" foi o educador e organizador de centenas de militantes comunistas que foram educados nos princípios do marxismo-leninismo e na luta de classes dentro e fora do Partido.

Para os verdadeiros comunistas portugueses o Partido Comunista Português durante mais de 40 anos era o seu partido, Jamais o consideraram um Partido revisionista, social-democrata, um partido burguês para operários, um partido traidor, laçao da burguesia portuguesa.

Considerar que o Partido Comunista Português foi sempre revisionista desde a sua criação, como o fazem o punhado de dirigentes anti-Partido do "Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado" (M.R.P.P.); considerar por isso que o Partido Comunista nunca existiu em Portugal até à data e que será o M.R.P.P., pela primeira vez, que o dará à luz; considerar que o P.C.P. nunca passou de um partido traidor, inicialmente revisionista social-democrata e que mais tarde, com a década de 60, em virtude do surgimento do revisionismo moderno Krutchevista se transformou em partido revisionista moderno, social-fascista e laçao do social-imperialismo russo, como ainda muito recentemente nos esclareceram, são posições anti-partido, fruto da presunção pequeno-burguesa, que julga que o marxismo-leninismo só "amanhece" no nosso país, no dia em que tais elementos anti-partido se "metem em política" e que deste modo apelida

(2) Staline, "Princípios do Leninismo"

como "lacaio da burguesia" e "revisionistas" centenas de militantes que entregaram a sua vida à causa do comunismo. São posições hóstis à história do movimento comunista internacional, de que o nosso Partido foi durante décadas uma parcela... que no entender de tais elementos anti-Partido teria sido uma "parcela revisionista"! São posições reaccionárias que negam a importância e o significado da traição revisionista da clique de Álvaro Cunhal, que foi um enorme crime anti-Partido que desarmou a classe operária do seu instrumento de combate na luta de morte contra a burguesia.

Hostilizar o Partido Comunista Português nos seus 40 e tal anos de actividade, ainda que debaixo de um palavreado aparentemente marxista-leninista, é estar contra o movimento comunista português; é colocar-se do outro lado da barricada, do lado do inimigo, fora e contra as fileiras marxistas-leninistas.

Ainda ácerca desta questão, queríamos dizer mais algumas palavras. Alguns estão de acordo que o P.C.P. "existiu como partido comunista e vanguarda do proletariado até uma determinada época da luta de classes em Portugal" (3), mas contradizem-se considerando mais à frente que o P.C.P. nunca foi um partido leninista do tipo novo (4).

Nós já apontámos atrás porque razão os partidos comunistas eram considerados "partidos de tipo novo" em oposição aos "partidos de tipo velho", revisionistas, social-democratas, da 2ª Internacional.

Se de facto, consideram que o PCP não era um partido de "tipo novo", então o que era? Clarificam melhor o seu erro quando pretendem que "nada há" para reconstituir em Portugal, pois que o antigo PCP não seria um partido leninista "de tipo novo" e nessa medida, hoje em dia há que consti- tuir PELA PRIMEIRA VEZ, um partido desse tipo... Assim, afirmam-se em oposição frontal com todos aqueles que são pela reconstituição do Partido Comunista Português (5).

Entendamo-nos de uma vez por todas: se consideram que já existiu um Partido Comunista no nosso país, então é esse mesmo que queremos hoje reconstituir; não há partidos comunistas de tipo A e do tipo B... O PARTIDO COMUNISTA É O "PARTIDO DE TIPO LENINISTA, DE TIPO NOVO", O PARTIDO DA ÉPOCA DA REVOLUÇÃO PROLETÁRIA, INSTRUMENTO DA DITADURA DO PROLETARIADO.

E a nossa situação actual NÃO É A MESMA que aquela do tempo de Lenine em que este criou um "Partido de tipo novo" até aí inexistente. De facto, no tempo de Lenine "não se assistiu à "reorganização" ou à reconstrução dos Partidos Socialistas" (6), tal como hoje os comunistas autênticos não andam a "reorganizar" o Partido social-fascista de Álvaro Cunhal; simplesmente o movimento operário português não é uma folha em branco, em que anteriormente nunca tenha existido um Partido Comunista tal como acontecia à data em que Lenine formulou PELA PRIMEIRA VEZ A DOCTRINA DOS PRICÍPIOS DO PARTIDO COMUNISTA.

Hoje, os marxistas-leninistas autênticos não andam a "reorganizar" a "ideia de Partido" ou as pessoas que militam no partido social-fascista, como querem fazer crer ironicamente; hoje os comunistas querem reconstituir algo que foi vivo, o glorioso Partido Comunista Português de Bento Gonçalves, Alfredo Diniz, Militão Ribeiro e José Gregório.

(3) "O Bolchevista", órgão do CML de P. PCdeP (e.c.); Nº 27, p.5 ler todo o artigo "Um partido leninista de tipo novo: Construir ou Reconstituir ou Reorganizar?"

(4) Idem, p.6

(5) Idem, p.6

(6) Idem, p.7

Os que pretendem arranjar diferenças entre o Partido Comunista e o "partido de tipo novo" caem em posições contrárias ao leninismo e não tomam uma posição clara acerca da questão, tão importante, para os marxistas-leninistas: lutamos ou não pela reconstituição do Partido Comunista Português? em que campo nos colocamos, efectivamente? no campo marxista-leninista ou no que lhe é oposto?

C) CARACTERÍSTICAS DO PARTIDO COMUNISTA

Como bem o salientaram os clássicos do marxismo-leninismo, o que distingue o Partido Comunista dos restantes partidos é ser um partido fundado na teoria marxista-leninista, disciplinado de acordo com o centralismo democrático e aplicar um estilo de trabalho revolucionário.

Com base nestes três pilares, nestas três características básicas, o Partido constituído certamente que organizará em si os melhores filhos da classe operária, colocar-se-á à frente da luta das massas como seu chefe político, ligar-se-á intimamente a elas através das suas "correias de transmissão" e conduzirá a revolução à instauração da ditadura do proletariado, do socialismo e do comunismo.

Pretender que só há Partido Comunista se houver "ligação às massas" ou "forte proletarização" é corrente entre os comunistas portugueses actuais, e manifesta bem o predomínio de concepções "esteriotipadas" acerca do que é o Partido Comunista.

O "dogma" espontaneista, lançado pelo CARP(ML), no ano passado, de que "FORA DAS MASSAS NÃO HÁ MARXISMO-LENINISMO, NEM PARTIDO M-L", e de que a actual O.R.P.C.(m-l) - que pretende ser a campã da "luta contra o espontaneismo" (7) - até à data ainda não se auto-criticou(8), é ainda hoje comum a outras organizações camaradas (9), e veio alimentando concepções anti-Partido que atrasaram a reconstituição do P.C.P.

Os camaradas do ex-"Núcleo José de Sousa", no seu documento "Nem revisionismo, nem esquerdismo, viva o marxismo-leninismo" já criticaram detalhadamente esta concepção "esteriotipada" do Partido e da ciência marxista-leninista. E salientaram aquilo que o próprio Lenine já dissera; que a doutrina marxista-leninista e o movimento comunista passam primeiramente por "um processo uterino" "exterior ao movimento operário", no qual o marxismo-leninismo ainda não ganhou a si as massas; no qual se organizam prioritariamente os comunistas em torno de um centro único, no Partido; no qual a actividade central está na propaganda ML e na unificação dos comunistas existentes.

Outro "dogma" oportunista anti-Partido foi propagandeado insistentemente pela UC(ML) nas páginas de "Vanguarda Vermelha"; trata-se da concepção "esteriotipada" de que só pode haver Partido Comunista se houver "ligação do marxismo-leninismo à vanguarda da classe operária", ou seja se se tiver ganho uma composição parcadamente proletária.

(7) "Revolução Proletária" órgão do CC da ORPC(ML) nº1, p.3

(8) Dizemos isto porque não vale de nada afirmar vagamente, sem concretizar o que quer que seja, que o "espontaneísmo se revelou também em posições políticas assumidas pelas organizações até à véspera da fusão" (idem, p.10), bem como não convence a afirmação de que a linha era "no essencial correcta" (idem, p.22), quando o CARP(ML) foi o responsável pelo propagandear do "dogma" espontaneista atrás citado que é o pilar de uma das linhas anti-Partido existentes no movimento marxista-leninista.

(9) Caso por exemplo dos camaradas do CMLP- "A VERDADE", vide "Autocrítica da Comissão Directiva" aprovada na 3ª Confº, título III.

A nossa organização insistiu sistematicamente na sua propaganda que o "critério principal" para se saber se uma dada organização que se reivindica do marxismo-leninismo é comunista ou não, é atender à sua composição social.

Desde a sua criação, que a UC(ML) insistia que não haveria Partido enquanto não houvesse suficiente "ligação à vanguarda da classe operária".

Hoje esta concepção "esteriotipada" do Partido Comunista é reerguida pela actual ORPC(ML)-apesar de considerar "trotskistas" o ponto de vista da "ligação à vanguarda da classe operária" da UC(ME) - na "Revolução Proletária" nº1, onde, em capítulo próprio, sob o título "um partido comunista é um partido operário", afirmam claramente: "Mas para que seja um partido autêntico, e não um partido fantoche, igual a outros que já surgiram no passado, exige-se que seja criado com condições para avançar desde o início na via da revolução; "essas condições resumem-se numa palavra: QUE SEJA UM PARTIDO COMUNISTA OPERÁRIO"; " A experiência já mostrou que a fundação do Partido pode ser apenas formal, se ele não for, desde o início, uma organização de operários de vanguarda". (10)

Esta concepção obreirista de que é fundamentalmente "pelo peso dos operários" que o partido será verdadeiramente comunista foi no nosso país sistematizada e propagandeada pela UC(ML) e não foi, até agora, devidamente criticada pelo movimento marxista-leninista português, o que torna ainda mais importante a nossa auto-crítica, desde que esta coloque bem a nú a essência espantaneista desta linha anti-Partido.

O "dogma" lançado pela UC(ML) prende-se a uma concepção espantaneista de Partido, rebaixadora do papel fundamental do consciente, da teoria marxista-leninista, da linha ideológica e política correta, e assente numa deformação obreirista do significado do carácter de "vanguarda da classe operária", atribuído por Estaline ao P.C.

...

Foi Estaline que nos "Princípios..." afirmou que o P.C. é o "destacamento de vanguarda da classe operária". Ele começava por dizer que é preciso que tal Partido "contenha em si todos os melhores elementos da classe operária, a sua experiência, o seu espírito revolucionário, o seu devotamento infinito à causa do proletariado". A partir desta frase, entenderam os dirigentes da UC(ML) que o que em última análise determinava o carácter de vanguarda do Partido era a sua composição social proletária. Daí que a tomássemos como o fundamental para o caracterizar; como critério principal para se avaliar as organizações que se reivindicam do ML, como método essencial para se forjar uma organização marxista-leninista. Está aqui contida toda a incompreensão do que entendia Estaline por "destacamento de vanguarda".

Ora poucas linhas abaixo Estaline precisava: "Mas para ser verdadeiramente um destacamento de vanguarda é preciso que o Partido esteja armado da TEORIA REVOLUCIONÁRIA, do conhecimento das leis do movimento, do conhecimento das leis da revolução".

Em suma, se o Partido se não baseia na teoria marxista-leninista, ainda que seja um destacamento de operários, não será capaz de dirigir a luta do proletariado, de ser o Partido Comunista. A nossa concepção obreirista do Partido não compreendia a célebre máxima de Lenine, por nós até várias vezes citada em "Vanguarda Vermelha", de que "só um partido guiado por uma teoria de vanguarda, pode desempenhar o papel de vanguarda".

(10) "Rev. Prol." nº 1, p.25.

Porque rebaixamos a importância fundamental da teoria marxista-leninista, nunca compreendemos a afirmação do presidente Mao de que "a correcção ou incorrecção da linha ideológica e política decide de tudo".

Assim, quando o ex "N.J.S." vem salientar no seu documento este ponto absolutamente justo, nós criticámo-lo erradamente de "doutrinarismo" e "intellectualista". Aliás esse nosso ponto de vista oportunista foi expressamente retomado pela ORPC(ML) - "Rev.Prol." nº1: "rejeitamos a posição daqueles camaradas que repetindo o princípio justo de que a linha decide de tudo, esquecem que uma base social não proletária produz sempre uma linha distorcida" (11).

...

No movimento marx.-len. actual não tem havido, pelo menos em teoria, grandes divergências acerca do princípio de organização do Partido, defendido pelo leninismo. Estaline salientava nos "Princípios..." que se o Partido quer realmente dirigir a luta da classe, quer levar adiante as suas imensas tarefas, ele tem de ser a "própria personificação da disciplina e do espírito de organização"; ele tem de ser um "destacamento organizado do proletariado".

O Partido é um "todo organizado, uma "soma" de organismos, células, comités, etc.... Daqui se conclui que qualquer membro do Partido tem de militar obrigatoriamente numa dessas organizações. Para se ser membro do Partido, para ser militante comunista é necessário admitir um mínimo de organização. Não exigir aos membros do Partido a obrigatoriedade de estarem organizados é instalar no Partido a desorganização; é rebaixar a militância no Partido aos hábitos vulgares da massa; é introduzir a "noção desorganizadora da confusão entre Partido e classe", entre o comunista e o vulgar elemento das massas.

Mas o Partido não é, apenas, uma mera "soma" de organismos e seus membros; é um "sistema único" desses organismos regido pelo princípio do centralismo democrático. Isso quer dizer que militar não é, apenas, organizar-se, mas sobretudo submeter-se ao centralismo democrático. Sem se submeter a este princípio ninguém pode ser militante comunista membro do Partido.

O centralismo democrático definido pelo leninismo baseia-se no centralismo, na disciplina de ferro das membros do Partido, na sua unidade de vontade e de acção; e na democracia, luta de opiniões e direcção colectiva do trabalho no seio do Partido.

Centralismo quer dizer:

"submissão de cada membro à organização"; colocar os interesses do Partido acima dos interesses pessoais; agir sempre de acordo com a linha do Partido; não tomar resoluções por sua alta recriação sem consultar os camaradas; "submissão da minoria à maioria"; uma vez que o seu ponto de vista seja rejeitado, a minoria deve apoiar a decisão adoptada pela maioria; nunca agir contrariamente à decisão já adoptada; "subordinação do escalão inferior ao superior"; cumprir as directivas que vêm de cima e não as sabotar descaradamente ou não; "subordinação da totalidade do Partido ao Comité Central"; o Partido é uma unidade de vontade incompatível com a existência de fracções; no Partido há um só centro eleito em congresso e não vários; constituir fracções ou "centros independentes" é um crime contra o Partido.

Numa situação em que o que predomina é o espírito anti-Partido, individualista e fracccionista no seio do movimento, é importante erguer os princípios do Partido, o centralismo leninista. Também os militantes da UC(ML) lhe devem dedicar importância no estudo e aplicação, dado terem existido infracções que têm de ser corrigidas profundamente.

(11) "Rev.Prol.", nº1, p.25.

Democracia quer dizer:

Usar a crítica e não temê-la, baseá-la nos princípios do marxismo-leninismo, combater as ideias errôneas onde quer que existam e se manifestem e fazer triunfar os pontos de vista correctos; fomentar a luta de opiniões, a luta ideológica activa, de forma a que as discussões sejam aprofundadas, os pontos de vista divergentes bem demarcados, e cada camarada tome uma posição reflectida e emita a sua opinião; incentivar o trabalho colectivo, basear sempre as decisões na direcção colectiva de trabalho.

"Claro que uma vez a luta de opiniões terminada, a crítica esgotada e a decisão tomada, a unidade de vontade e de acção de todos os membros do Partido são condição indispensável" (Estaline).

No seio da UC(ML) houve falta de democracia, falta de luta de opiniões, falta de crítica, falta de direcção colectiva. As críticas que actualmente alguns camaradas fazem nesse sentido são justas e devem levar os camaradas responsáveis a dar maior importância à luta de ideias, ao trabalho colectivo, à discussão entre os militantes, à auto-crítica. Os camaradas responsáveis não devem julgar-se infalíveis e agir sem dar ouvidos à crítica dos militantes; os camaradas responsáveis, sempre que possível, não devem tomar decisões importantes sem auscultar a opinião dos organismos. Tais são manifestações de burocratismo, contrárias aos princípios, que devem ser corrigidas abertamente.

...

Aplicar o centralismo democrático é, também, criar o Partido em torno de um centro único. É tomar o Partido reconstituído como uma "unidade de vontade incompatível com a existência de fracções". A unificação dos comunistas para a reconstituição do Partido passa pela dissolução das organizações marxistas-leninistas sem excepção, no seio do Partido, pela posterior readmissão dos seus militantes um a um com base num critério de princípios a estabelecer pelo Congresso e aplicado pelo Comité Central eleito.

Este é o significado da máxima divulgada pelos camaradas de "O Comunista" de que "sem destruição não há construção", "destruir é já construir".

Hoje o movimento marx.-len. é constituído por várias organizações; elas devem debater as suas divergências fundamentais com espirito de Partido, isto é aclarar os erros, corrigi-los, e unificarem-se em torno de uma linha ideológica e política justa; mas para que essa unificação seja verdadeiramente um passo em frente, as organizações marxistas-leninistas devem então dissolver-se e dar lugar ao Partido reconstituído, criado em torno de um centro único. A unidade ideológica tem de ser cimentada por uma verdadeira unidade orgânica.

Enfim, "o leninismo, em matéria de organização é a aplicação estrita de todos estes princípios" conforme disse Estaline.

...

O estilo de trabalho comunista tem quatro particularidades fundamentais:

-a teoria marxista-leninista deverá servir a prática e ser por ela verificada;

-o Partido e os seus membros refletem uma total identidade entre as palavras e os actos;

-o Partido e os seus membros praticam a auto-crítica;

- o Partido liga-se ás massas, forja-se como seu destacamento dirigente intimamente ligado a elas, como forma superior de organização da classe operária, dirigente de todas as outras formas de organização do proletariado e das massas.

Cada uma destas particularidades é conveniente salientá-la, actualmente, para que se compreenda bem o seu significado.

Se a "teoria deve servir a prática", isso quer dizer que os marxistas-leninistas usam os princípios da sua doutrina científica para responder correctamente às questões que o movimento lhes coloca; isso quer dizer actualmente que os comunistas devem basear-se nos princípios para responder cabalmente à necessidade de reconstituir o Partido, e defender desse modo uma linha o mais justa possível.

Se a "teoria deve ser verificada pela prática" isso quer dizer que uma linha tem de se corrigir no que tenha de errado, no sentido de se tornar mais justa em "ligação estreita com a prática revolucionária".

Mas isso não quer dizer, como o entendem os espontaneistas, que se vai deixar de definir uma linha o mais correcta possível, baseando-nos nos princípios, antes que se tenha gerado "ligação às massas" e "acumulação de experiências" durante uns anos pelo menos.

Se o P.C. e os comunistas têm de reflectir uma identidade entre as palavras e os actos, isso quer dizer que os marxistas-leninistas autênticos se defendem justas posições ideológicas comprovam-nas na prática.

Se o P.C. e os comunistas verificam a política de qualquer Partido não só através das suas posições ideológicas mas sobretudo através dos seus actos, então as variadas organizações marxistas-leninistas não podem ser avaliadas só pelas suas posições ideológicas defendidas na propaganda, mas tem de se tomar em linha de conta as suas atitudes práticas pela reconstituição do Partido; isso quer dizer que não basta definir-se a reconstituição do Partido como objectivo na propaganda, é preciso trabalhar honestamente, revolucionariamente, por isso.

Se P.C. e os comunistas praticam a auto crítica isso quer dizer que reconhecem abertamente as erros que existam, descobrem as suas causas e põem-nas a nú, procuram definir os meios de as superar, e adoptam as posições correctas, fiéis aos princípios. Os marxistas-leninistas podem ter, em dado momento, erros e até uma linha oportunista anti-Partido à cerca da reconstituição do P.C.P. ; podem ter uma linha oportunista, capituladora diante do revisionismo em matéria de linha política; mas se são comunistas autênticos que lutam pelo Partido corrigem os seus erros e a sua linha oportunista, tal como nós o estamos procurando fazer hoje. Lenine disse "a atitude de um partido político face aos seus erros é um dos principais critérios, e de certo o mais seguro, para se saber se ele é ou não um partido sério". Isso quer dizer que a atitude diante da auto crítica é um critério para se saber se determinada organização luta realmente pelo Partido, ou se pelo contrário sistematiza os seus erros, a sua linha anti-Partido, ainda que veladamente.

Hoje no movimento é preciso erguer o espírito de Partido, o estilo de trabalho revolucionário, o método da auto-crítica. Certas organizações camaradas procuram fugir à auto-crítica de uma linha oportunista, a pretexto de que a sua linha era "no essencial correcta", que quando muito tinha "falhas", fruto da "juventude do movimento", da "falta de acumulação de experiências" ou então fruto da necessidade de "entortar a vara" no sentido contrário. Ora, para os marxistas-leninistas sem uma auto-crítica revolucionária da linha oportunista anti-Partido não há unificação dos comunistas para o Partido. A UC(ML) pretendeu, agora, usar este método revolucionário e levar a sua auto crítica até ao fim, como até aqui ainda o não tinha feito. Também, nas suas fileiras, na prática diária dos seus organismos, a UC(ML) tem de exigir a auto crítica de cada camarada, quando este comete erros. A falta deste método revolucionário tem levado os camaradas a repetirem os mesmos erros, sistematicamente, e a instalar um estilo de trabalho anarco-liberal.

Se o Partido é o "instrumento da ditadura do proletariado", se e le existe para dirigir a revolução à instauração da sua ditadura, e se a revolução é obra das massas, então o Partido tem de se forjar como destacamento de vanguarda intimamente ligado às massas, como forma superior de organização do proletariado capaz de dirigir todas as outras, sindicatos, comissões de trabalhadores, organizações políticas de massas, etc.... Os comunistas têm sempre salientado que a "revolução deve apoiar-se nas massas", que dessa forma o Partido tem de criar "apertados laços com as massas", que para isso o Partido tem de organizar em si os melhores elementos da classe, aqueles que são frequentemente os dirigentes das massas e das organizações sem Partido; tem de educar os comunistas àcerca da aplicação da linha de massas, ensinar os camaradas àcerca dos métodos concretos desse trabalho, etc.... Mas os marxistas-leninistas autênticos nunca estiveram à espera de terem ganho tudo isso, o que equivale quase a um partido edificado, para criar o seu Partido. Os marxistas-leninistas, mesmo antes da reconstituição do Partido, desenvolvem trabalho entre as massas, ligam-se no que puderem a elas, mas não transformam a aplicação deste método na questão central da actividade militante donde resultará a criação do Partido.

Capítulo II

CONDIÇÕES FUNDAMENTAIS PARA A CRIAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA

O movimento marxista-leninista do nosso país a este respeito tem desenvolvido a maior polémica, mas não tem sabido assentá-la nos princípios, em particular nos princípios do leninismo. Ora, se nos ativermos ao leninismo verificamos que o que é necessário para criar o P.C., é a existência da classe operária num dado país, e a posse da teoria marxista-leninista na mão de comunistas.

O leninismo salientou que o Partido Comunista é o partido da revolução proletária, o instrumento da ditadura do proletariado. Ora, sem o proletariado não poderá haver revolução proletária, nem ditadura do proletariado. Ainda que reduzido numericamente num dado país, o proletariado é a classe de vanguarda da sociedade, a única que historicamente nada tem a perder em acabar com as cadeias da exploração capitalista, por conseguinte é a classe dirigente da revolução, conforme e salientaram no século passado os fundadores do socialismo científico, Marx e Engels. Eis porque é necessário a classe operária como condição objetiva para criar o Partido (12).

O leninismo salientou, também, que na época do imperalismo, o sistema de exploração capitalista chega a todo o lado, através da exportação dos capitais, e com ele surgem as duas classes antagónicas, o proletariado e a burguesia, em qualquer rincão do mundo actual. Na época do imperealismo, a classe operária existe por todo o lado, ainda que em número reduzido neste ou naquele país colonial, semi-colonial ou semi-feudal. Deste modo, o P.C. pode ser criado em qualquer parte do mundo. Não será por a classe operária ser reduzidíssima e capitalismo estar pouco desenvolvido num dado país, que o P.C. não deixará de ser criado. Assim, o comprovam a criação do P.C. da China e o P.T. da Albânia. Assim, pretendem que, no nosso país, o Partido fundado em 1921

(12) Na edição especial nº2 de "Vanguarda Vermelha" não compreendíamos correctamente esta questão, dizíamos: "Para nós (a organização comunista) tem de ser, desde o início, a materialização-ligação da teoria

era revisionista, entre outras coisas devido a "razões particulares inerentes às características do capitalismo português", como o afirma o "Bandeira Vermelha", órgão teórico do MRPP; ou ainda que o Partido nunca conseguiu ser um "partido de tipo novo" e se transformou em traídor, entre outras coisas devido às "condições de desenvolvimento da economia e da indústria, especialmente num país parasita e colonial, com retardamento do crescimento das filas proletárias(13); é estar contra os princípios do leninismo.

Mas o Partido não surgirá fruto, apenas, da existência da classe operária. Para poder aparecer necessita de uma condição subjectiva, a posse da teoria marxista-leninista na mão dos indivíduos desse país. O leninismo saliente que o P.C. não se criará verdadeiramente se não se basear numa "teoria de vanguarda", capaz de lhe permitir conhecer as leis do movimento da sociedade e da revolução, capaz de lhe permitir conhecer profundamente a missão histórica da classe operária e apontar a via da sua resolução, ou seja o marxismo-leninismo.

São estas as duas condições fundamentais para a criação do P.C. que já anteriormente haviam salientado os camaradas do ex-Núcleo José de Sousa no seu documento.

Fortes no conhecimento das características do Partido e das condições fundamentais para o criar, podemos, agora, definir correctamente a via para a reconstituição do P.C.P. no nosso país.

(12) Cont. ... da teoria marxista-leninista à vanguarda da classe operária. É justamente por ser esta ligação que a dita classe é necessária como uma das condições" (p.16).

(13) "O Bolehevista" nº 27 p.6.

COMO E QUANDO RECONSTRUIR O PCP

1. A via para a reconstituição do PCP

O Partido Comunista Português reconstituir-se-á pela unificação dos comunistas portugueses numa base de princípios, em torno de uma linha ideológica e política correcta, e de um centro único. Tal é a via para a constituição do Partido em qualquer parte do mundo, se nos atermos aos princípios, às suas características e às condições fundamentais para a sua criação. Tal é a via que a experiência do movimento comunista internacional nos aponta, na base da qual devemos procurar resolver a situação concreta de dispersão dos marxistas-leninistas portugueses por diversas organizações. Pretender seguir uma via "inteiramente sui generis", como o diz o MRPP, não é mais do que estar contra os princípios do Partido Comunista, nos quais nos devemos basear para resolver o problema da constituição do Partido. Essa via sui generis ao caso português seria "no essencial... criar uma base de massas para que o Partido pudesse fundar-se"; "quer dizer, não bastava que um pequeno grupo de comunistas se constituisse em Partido, para que as massas operárias portuguesas pudessem vir a apoiá-lo. Era necessário fazer um trabalho preparatório de propaganda e agitação do marxismo-leninismo-madismo entre as massas, a fim de elas poderem por si próprias distinguir em que é que esta linha revolucionária se afastava da linha revisionista, que estavam habituadas a aceitar. Isto para que depois pudessemos reunir o apoio suficiente, e o Partido a fundar viesse a ser uma força política autêntica, real, necessária, e não apenas mais um decreto de constituição do Partido, como outros oportunistas, além dos revisionistas, pensaram poder fazer".(14) Se nos alongámos nesta situação é porque ela é suficientemente clara para ilustrar o pensamento anti-Partido que tem dominado o movimento marxista-leninista português. Traçar a via para a reconstituição do Partido com base na "implantação nas massas" tem sido comum à maioria das organizações marxistas-leninistas actuais, e vem sendo generalizada a defesa do dogma espontaneista que a fundamenta de que "fora das massas não há marxismo-leninismo, nem Partido marxista-leninista", de que já falámos anteriormente.

Em nosso entender, lutar pela reconstituição do Partido é lutar pela defenição de uma justa linha ideológica e política, e pela derrota do oportunismo, é lutar pela unificação dos comunistas e das suas organizações numa base de princípios, e derrotar o cisionismo pequeno-burguês.

Assim, para criar o Partido não "basta que um núcleo de comunistas trace uma linha com base nos princípios do marxismo-leninismo, e disponha de um aparelho capaz de aplicar essa linha", conforme pretende o "Unidade Popular" (15). Para se criar o Partido é preciso que esse núcleo lute pela unificação dos comunistas existentes no seu país, ainda que estejam fora das suas fileiras, o que de facto ao longo da sua história o grupo dirigente de "Unidade Popular" jamais fez. Também, "O Bolchevista" é levado a considerar qualquer núcleo de comunistas como Partido; para ele qualquer núcleo de comunistas pode tomar o nome de Partido e dar por encerrado o período de reconstituição do Partido. Dessa forma, o próprio "O Bolchevista" se considera "Partido Comunista de Portugal", bem como considera todos os outros como Partidos marxistas-leninistas. Segundo "O Bolchevista" a diferença entre núcleo e Partido

(14) "MRPP- o que é", cadernos divulgação, pp.18/19

(15) Nº44, p. 10, "Experiência de fundação do PC da China".

reside apenas "na estrutura orgânica interna e nos objectivos que se propõem" (16), e nessa medida qualquer organização marxista leninista actual se pode considerar Partido Comunista, pois todas se reivindicam do programa da democracia popular e da revolução proletária, e nesse campo "todos têm posições correctas e incorrectas", bem como todos se estruturam de acordo com o centralismo democrático. Certamente que "O Bolchevista" não se afirma contra a unificação, e está disposto a "fundir-se com todos os camaradas comunistas organizados em partidos, na base da identidade de pontos de vista acerca das questões essenciais do movimento" (17), mas apaga essa tarefa necessária para se reconstituir o Partido, e procede a uma larga distribuição da denominação de Partido Comunista, que ao contrário do que julga só entusiasma a constituição separada de Partidos e mais Partidos ... Também, o "O Bolchevista" fala da experiência de criação do P.C. de Espanha (m-l) (18), mas esquece de dizer aos seus leitores que ela foi fruto da unificação de 4 núcleos de marxistas-leninistas espanhóis existentes no país e na emigração...

Desprezar a unificação dos comunistas para a reconstituição do Partido, quer no plano ideológico, quer no plano prático, é uma posição sectária que tem dominado o nosso movimento, desde a destruição do Comité Marxista Leninista Português em 1967. Tal era a posição da UCML, a qual considerava não haver comunistas alguns para unificar; e que a tarefa fundamental era ganhar uma composição social proletária, era forjar os "primeiros" comunistas a partir do recrutamento dos elementos mais activos da classe operária para as nossas fileiras.

Também os camaradas da OCMLP afirmam adoptar em parte tal atitude, conforme o explicitam actualmente os "Foice e Martelo" nº 1 e nº 2, onde se podem encontrar diversas afirmações semelhantes às de "Vanguarda Vermelha". A semelhança com as posições defendidas pela UCML era tal que em "Vanguarda Vermelha" acerca da linha dos camaradas da OCMLP considerávamos que "no meio do seu massismo e confusionismo ideológico" é das "poucas organizações" que defendia o ponto de vista da "ligação à vanguarda da classe operária" como via para a reconstituição do Partido (19). Aliás seria nesse sentido, segundo esclarecem actualmente os camaradas, que entendiam a necessidade de "implantação nas massas": "por ligação às massas entende-se, exactamente, a necessidade dos comunistas se unirem às massas na luta para organizar antes de tudo a vanguarda que só nessa luta se manifesta" (20).

Apesar de erguer um princípio justo de organização, o da proletarização das fileiras comunistas, a linha da "ligação à vanguarda da classe operária" não deixa de ser sectária, de negar a unificação dos comunistas existentes no nosso país. E nada lhe valerá encobrir-se com a justificação de que nas "condições históricas da altura" em que foi defendida não existiam comunistas no nosso país, pois o que "estava à mão" conhecia-se o seu "respectivo passado político", salvo é claro aqueles poucos que criariam a UCML e a OCMLP, que no caso dos primeiros tinham por norma inicial não se considerarem ainda comunistas... Ora, comunistas, desde há mais de 50 anos que os há na nossa terra e nem mesmo quando em 1964 a clique revisionista de Cunhal destruiu o nosso Partido eles desapareceram, e desde logo criaram o Comité Marxista Leninista Português, que reergueu a bandeira do comunismo e se dispôs a reagrupar os comunistas então existentes em torno dos princípios do marxismo-leninismo e do programa revolucionário definido em "Revolução Popular". E mesmo daí para cá, apesar do espírito e da prática anti-Partido terem vingado a partir de 1967, muitos mais comunistas vieram às fileiras

(16) "O Bolchevista", nº 25/26, p.7 (17) Idem, p. 2 (18) Idem.

(19) Edição especial nº 2, p.7 (20) "F.e M." nº 1 p. 50.

do nosso movimento. Comunistas sempre os houve nos últimos 8 anos; o que lhes tem faltado foi definirem uma linha justa e liquidar a linha oportunista anti-Partido, foi separar o trigo do joio e correr com o punhado de elementos anti-Partido infiltrados no movimento.

Há, também, quem tenha erguido a bandeira da unificação como "pedra basilar da reconstrução do Partido", quem tenha atizado o sectarismo como "manifestação principal do oportunismo anti-Partido", quem tenha procedido a fusões, mas que actualmente vem, veladamente, recrudescendo o sectarismo no movimento marxista-leninista, quando ele exactamente vem sofrendo derrotas importantes com o abandono sucessivo das anteriores posições sectárias da "Verdade" (quando "PCP(m-l)-facção Mendes"), da UCML e da OCMLP.

Mas a unificação dos comunistas não é uma unificação feita de qualquer modo; é uma unidade de princípios em torno de um centro único.

Lutar pelo Partido não é meramente promover fusões; lutar pelo Partido é lutar pela definição de uma justa linha que congregue em seu torno os marxistas-leninistas autênticos do nosso país.

Pretender lutar pela unificação dos comunistas para o Partido sem lutar pela unidade de princípios, pelo triunfo da linha justa e pela derrota do oportunismo anti-Partido, é proceder como oportunistas; é por debaixo de um falso unitarismo cavar ainda mais a divisão entre os comunistas, marchar irreversivelmente na sistematização deliberada dos erros e arrastar um maior número de militantes para os braços da linha anti-Partido.

Em resumo, no trabalho pela unificação dos comunistas é fundamental a luta ideológica activa entre as duas linhas, a propaganda intensa virada para o debate público, as discussões entre as direcções das organizações, bem como a aproximação entre a massa de militantes comunistas nos seus locais de trabalho, reforçando os laços de camaradagem e de luta, incentivando entre eles a discussão das questões que se colocam aos comunistas.

.....

Apontámos como marchar na via do Partido. Há que terminar aclarando quando proclamar a reconstituição do Partido. Como já salientaram os camaradas de "O Comunista" todas as condições estarão reunidas para a reconstituição do Partido quando o fundamental das forças militantes marxistas-leninistas se unificarem com base numa linha ideológica e política correcta, o que exige que a luta ideológica activa se tenha aprofundado o suficiente para que qualquer militante ou organização camarada esteja à altura de tomar uma posição reflectida acerca das duas linhas e das divergências existentes no movimento marxista-leninista tome-a no sentido correcto ou incorrecto.

É claro que o Partido poderá não unir, desde logo, nas suas fileiras todos os militantes comunistas. As condições para ganhá-los será reconstituir o Partido que continuará o combate pela unificação dos comunistas contra o oportunismo anti-Partido.

.....

Para terminar este capítulo é necessário abordar mais algumas questões que se prendem à razão porque não foi ainda reconstituído o Partido; à definição do campo marxista-leninista e à forma como resolver as condições no seu seio.

2. A reconstituição do P.C.P. objectivo central actual.

Após a clique de renegados revisionistas de Alvaro Cunhal ter tomado em fins de 1963 definitivamente conta da direcção do nosso Partido, os comunistas autênticos foram obrigados a abandonar o Partido, devido à im possibilidade manifesta de lá continuarem a lutar contra a degenerescência revisionista. Os comunistas então saídos julgaram poder combater essa degenerescência e o punhado de traidores que se haviam apoderado da direcção, sem criarem uma nova organização comunista. Assim, fruto desse inicial erro, criaram a FAP. Mas cedo se desenganaram e vieram a criar em Abril de 1964 o CMLP. Este aparecia para reagrupar os comunista marxistas-leninistas portugueses em torno de um programa revolucionário e em bases orgânicas independentes.

Conforme o salientou o Editorial de "Revolução Popular" nº 1, "os marxistas-leninistas sabem que se impõe um reagrupamento em torno de um programa revolucionário. A criação de uma verdadeira frente nacional anti-fascista, a condução das massas populares à insurreição, a realização da revolução democrática e da revolução socialista, só podem ser realizadas por um partido comunista autêntico, fiel aos princípios marxistas-leninistas. Para a realização deste reagrupamento é imprescindível a discussão da situação nacional e da consequente linha marxista-leninista a aplicar. É necessária a definição clara do processo revolucionário e do papel das diferentes classe nas diferentes etapas. É necessária uma análise das diversas forças políticas em presença. Um conhecimento de quais são as forças revolucionárias, as intermédias e as inimigas. Uma política de alianças correcta. Uma política de unidade do proletariado com as restantes classes exploradas, muito especialmente com o campesinato. É necessário em última análise, uma definição da natureza da revolução. É indispensável, também, uma crítica implacável e exaustiva ao revisionismo e ao oportunismo, quer nacionais ou internacionais, se por um lado quisermos arrancar e destruir todos os erros e vícios contra-revolucionários, e por outro lado, quisermos cumprir os nossos deveres em face do internacionalismo proletário.

Pensámos que esta discussão, esta crítica e a difusão do marxismo-leninismo são o primeiro passo para um reagrupamento dos comunistas portugueses única forma de reconstituição de um verdadeiro P.C.P." (21).

Se nos alongámos nesta citação é porque ela mostra bem à evidência a correcta via para a reconstituição do Partido apontada pelo CMLP em 1964, e, como ao longo destes anos, tantos passos atrás se têm dado neste campo, fruto do desenvolvimento das mais variadas linhas anti-Partido, em que têm sido férteis os elementos corruptos infiltrados no nosso movimento.

Mais tarde os camaradas do CMLP reconheceram que se afastavam da linha traçada, em virtude de se manifestar "certa subestimação da urgência de pôr de pé um partido marxista-leninista e uma tendência de expectativa em face da evolução interna do Partido Comunista", bem como noutros camaradas esperava-se que as ideias justas se impusessem "espontaneamente" pela necessidade de "nao enfraquecer o Partido Comunista, como a maior organização anti-fascista existente" (22). Tais tendências erróneas e oportunistas mostravam que os comunistas autênticos levaram algum tempo a compreenderem a necessidade de lançarem as bases para a reconstituição do Partido, para a criação de um novo partido comunista de um partido marxista-leninista autêntico independente ideológica e organicamente do partido revisionista de Alvaro Cunhal. Contudo, tais tendências erróneas foram vencidas.

(21) "Revolução Popular", p.6 edição (in)completa das edições "Voz do Povo"

(22) Idem, pp.30/31.

Mas, os camaradas do CMLP voltaram a não se ater a este princípio e o predomínio de tendências aventureiras pequeno-burguesas e de uma linha táctica esquerdista de que a "insurreição anti-fascista estava na ordem da dia", levou os camaradas a subestimarem a reconstituição do Partido, em prol da actividade da FAP. A esta tendência oportunista se chamou mais tarde "fapismo"; atrasou a reconstituição do Partido, e pelo seu aventureirismo permitiu o desmantelamento quase completo do CMLP do nosso país em fins de 1965 princípios de 1966. Aos marxistas-leninistas que ficaram no CMLP era, então, necessário corrigir tal tendência oportunista, e encetar de novo o caminho da reconstituição do Partido no sentido da reorganização dos comunistas portugueses com base no programa revolucionário definido ao longo de seis números de "Revolução Popular". Apesar de diversos erros e insuficiências, "Revolução Popular" traçou, no essencial, uma linha ideológica e política correcta, em torno da qual se deveriam ter unificado os comunistas existentes e reconstituído o Partido, se não tivesse havido exactamente o predomínio do fapismo, durante aqueles primeiros anos.

E que aconteceu depois das prisões de princípios de 1966?

Acerca desta questão tem corrido entre os militantes marxistas-leninistas actuais o ponto de vista outrora posto a circular pelos documentos do chamado "V Congresso Reconstitutivo do Partido" (23) de que o Comité teria ficado reduzido a um núcleo emigrado dominado por uma direcção "trotskista" que "pressionada pela base" se acabaria por "retirar", dando lugar a que alguns militantes dispersos por vários países tomassem a iniciativa de reunir a chamada "I Conferência do CMLP". Até aqui pode ser encontrada uma unanimidade de pontos de vista entre as diversas organizações marxistas-leninistas (24), à exclusão da União Comunista para a Reconstituição do Partido (25). As opiniões vão dividir-se a partir dessa data reconhecendo algumas organizações marxistas-leninistas legitimidade na chamada "II Conferência da CMLP" e nas expulsões que se lhe seguiram, e pondo-se outras a tais acontecimentos. Se do ponto de vista destas últimas se pode concluir a necessidade de criação de novas organizações reclamando-se do marxismo-leninismo e da reconstituição do Partido, a necessidade de novas "experiências políticas", devido ao "desmembramento" do dito Comité eu ao seu "desvio dogmático", para as primeiras, apesar de criticarem o surgimento de novas organizações vindas pela mão de elementos cisionistas expulsos do dito Comité, acabam por considerar legítima a sua actividade dada a "juventude do movimento", a "grande confusão reinante", a "fragilidade da rotura com o revisionismo" e a "gravidade do desvio dogmático" da dito Comité que se teria agravado posteriormente à "II Conferência".

Manifestamente pode constatar-se que a partir de 1968 sucede a proliferação de organizações reivindicando-se do marxismo-leninismo e do objectivo da reconstituição do Partido, em contraste com os anos anteriores, desde 1964, em que existia o CMLP como centro unificador dos comunistas portugueses. A maioria das organizações marxistas-leninistas ainda não deu uma resposta cabal à questão do porquê da proliferação de organizações a partir dessa data. Se para uns se deveria à reacção ao "desvio dogmático e teorístico" do dito Comité, para outros a razão de fundo estaria na "fragilidade da rotura com o revisionismo" que teria marcado todo o movimento desde 1964.

Apesar de os camaradas do ex-N.J.S. em documento já referido, apontam a razão de fundo da dispersão dos marxistas-leninistas por diversas organizações no cisionismo pequeno-burguês de que têm sido portadores os

(23) "Informe sobre a actividade do CC do CMLP ao V Congresso", pp.20/21

(24) Também em documentos anteriores, a UCML defendia tais posições. Veja-se "V.V.", ed. esp. nº2 p.15.

elementos anti-partido e as "teorias" por si divulgadas entre os militantes comunistas. A propagação do cisionismo pequeno-burguês tem sido determinada por condições objectivas próprias ao nosso tempo, bem como por condições subjectivas resultantes da traição revisionista moderna. Como salientam as camaradas de "O Comunista": "São elas na essencial, a afluência de várias camadas da pequena burguesia e das suas ideias nos meios proletários, da sua proletarização esforçada, como resultado do desenvolvimento do monopolismo, pela concentração do capital, e pela consequente ruína dos pequenos proprietários. Muito particularmente no nosso país, a guerra colonial veio agudizar as contradições no seio da burguesia, trazendo a revolta e a tomada de consciência anti-monopolista e anti-colonialista a largos sectores não proletários da população, entre a juventude sobretudo, contra o genocídio colonial e o empobrecimento do país. Mas foi, sobretudo, à traição revisionista que devemos esta situação. Desarmando a classe operária ao arrancar-lhe o seu Partido, tornou-a incapaz de se unir e conduzir as lutas de todo o povo contra o inimigo comum dando-lhes uma orientação proletária, contra o oportunismo e pelo socialismo".

É necessário, então averiguar concretamente, historicamente, como se manifestou entre nós o cisionismo pequeno-burguês.

Está aí a importância da divulgação por parte dos camaradas de "O Comunista" de pedaço da história do nosso movimento que vai desde as prisões de 1966 até à chamada "I Conferência do CMLP". É um período da história do nosso movimento mal conhecida pelos militantes comunistas actuais, e no entanto é de enorme importância para se compreender a posterior proliferação de organizações e a dispersão dos militantes. Enorme importância porque mostra concretamente o que produziu o espírito cisionista pequeno-burguês, o estilo carreirista de elementos estranhos à classe operária. O grave erro de indisciplina e carreirismo perpetuado por elementos sobre os quais recaía pelos mais diversos motivos, a vigilância proletária do CMLP (26), desproveu o Comité da sua direcção marxista-leninista, impediu que essa levasse avante a reorganização da actividade do CMLP que tinha em mãos (27) e corrigisse o oportunismo que porventura se manifestasse, e mergulhou o Comité na maior desordem. O acto de indisciplina e carreirismo do bloco de elementos citados acarretou a liquidação do Comité Marxista-Leninista Português, sem direcção e sem reorganização levada a cabo, caído na maior anarquia e nas mãos de elementos carreiristas pequeno-burgueses. O golpe anti-Partido veio a ser ultimado com a realização de uma conferência fantoche integrada pelos elementos citados e seus apoios, a que resolveram chamar "I Conferência do CMLP", usurpando o nome do centro unificador dos comunistas que haviam liquidado pouco tempo antes.

A liquidação do Comité Marxista-Leninista Português em 1967 marca a liquidação do centro unificador dos comunistas portugueses, e a usurpação da direcção do nosso movimento por elementos anti-Partido, que são parte dos responsáveis pela posterior dispersão dos comunistas e proliferação de organizações. Do núcleo inicial dos anti-Partido que realizaram a chamada "I Conferência", ao fim de três anos restavam arvorando-se

- (25) Estudar a "Declaração do Comité Promotor" de "O Comunista" e o artigo "As trifulhices de Vilar" no "O Comunista" nº 3.
- (26) Belo afastado da direcção por indisciplina; Quintela que ocultara o facto de ter traído na prisão quando militante do Partido; Vilar sobre o qual recaía um inquérito; só para citar estes três.
- (27) Preparava a sua vinda para o país; procedeu à expulsão dos dirigentes e outros elementos que haviam traído na cadeia; reorganizara a imprensa do CMLP e publicara a "Revolução Popular" nº 7; cooptara elementos seguros para a direcção, preenchendo as vagas deixadas pelas traições; dera provas de vigilância proletária nessas cooptações.

(cont. na pag. seg.)

em "continuadores" do CMLP os elementos que levaram a cabo o chamado "V Congresso de reconstituição do Partido", donde surgiu o chamado "Partido Comunista de Portugal (m-1)", editor do "Unidade Popular". Tal "partido" era fruto da actividade cisionista no nosso movimento, e em particular o seu grupo dirigente compartilha da responsabilidade da destruição do Comité Marxista-Leninista Português.

Tal "partido" nem incarnava a continuação do Comité Marxista Leninista Português, nem personificava a unidade dos comunistas portugueses em torno do programa revolucionário definido nas "Revolução Popular".

Se o fapismo impediu a reconstituição do P.C.P. pelo Comité Marxista-Leninista Português, a partir daí foi o predomínio do cisionismo pequeno-burguês no nosso movimento, em particular a liquidação do CMLP por um grupo de elementos anti-Partido e a divisão e dispersão dos comunistas que se ia seguir, que tem obstado à reconstituição do Partido Comunista Português. A proclamação de um "partido" em 1970 por um punhado de elementos anti-Partido não é mais do que a continuação da actividade cisionista de parte dos responsáveis pela liquidação do CMLP. Depois de ter inicialmente compartilhado na destruição do CMLP e na usurpação do seu nome, acabaram por usurpar o nome glorioso do Partido Comunista.

Desta forma, os militantes marxistas-leninistas autênticos, consideram que a reconstituição do Partido continua na ordem do dia, e colocam-na como seu objectivo central no momento actual.

.

3. O CAMPO MARXISTA-LENINISTA E A RESOLUÇÃO DAS CONTRADIÇÕES NO SEU SEIO.

A actividade cisionista dos oportunistas, bem como a linha sectária anti-Partido que têm propagado no nosso movimento originou a situação actual da dispersão de centenas de militantes de comunistas honestos por diversas organizações que se reclamam do marxismo-leninismo. Definido o nosso objectivo central de reconstituição do Partido, há que determinar correctamente o campo das organizações marxistas-leninistas, o campo das forças fundamentais com as quais vamos levar avante a unificação dos comunistas e a reconstituição.

Como já o salientaram os camaradas de "O Comunista" o critério ideológico para definir o nosso campo, indica que as organizações marxistas-leninistas são aquelas que se atêm à base de princípios actual do marxismo-leninismo, defendem a tradição revolucionária dos comunistas portugueses e colocam como objectivo central a reconstituição do Partido Comunista Português.

Definir o campo marxista-leninista é de primordial importância para se saber com que forças fundamentais se deve contar para a unificação dos comunistas e a reconstituição do Partido. A ausência de determinação no campo marxista-leninista, ou a sua definição de acordo com um critério ideológico errado, levou e leva algumas organizações irmãs aos constantes zigzagues, ou a virarem a sua atenção principal para a unificação com organizações que estão fora do campo marxista-leninista, ou a

(27) ...rejeitando para a direcção elementos sobre os quais caíam dúvidas como Quintela e Vilar; afastara da direcção por actos de indisciplina Belo e Jacinto Rodrigues; preparar, com base numa proposta dos elementos anti-Partido, a realização de uma Conferência do CMLP em moldes marxistas-leninistas com a participação de todos esses militantes, etc.

excluir erradamente do campo irmão outras organizações marxistas-leninistas.

Para certas organizações camaradas instituiu-se o critério de que só seriam organizações marxistas-leninistas aquelas que tivessem "ligação às massas", pois não haveria marxismo-leninismo, organizações marxistas-leninistas, Partido marxista-leninista "fora das massas". Por outro lado a UCML pretendeu erradamente que só seriam organizações marxistas-leninistas aquelas que ganhassem a "ligação à vanguarda da classe operária", que se proletarizassem suficientemente.

Com base no critério ideológico por nós indicado acima existem duas organizações, que apesar de se reclamarem do marxismo-leninismo, se encontram por diversos motivos, fora do nosso campo, apesar de nelas existirem comunistas sinceros. Uma delas considera-se o próprio Partido; outra nela abertamente a tradição revolucionária dos comunistas portugueses, e declara-se a primeira e única organização marxista-leninista existente no nosso país desde sempre.

Existem, ainda, duas organizações e quem falta clarificar em que campo se colocam. Ao Comité Marxista Leninista de Portugal é necessário clarificar melhor se considera ou não a reconstituição do Partido como encerrada, e se considera ou não a tradição revolucionária dos comunistas. Em relação ao Comité Revolução Comunista (m-1) é indispensável clarificar melhor se tomam em linha de conta ou não a tradição revolucionária do P.C.P. e a actual tarefa de reconstituição do Partido.

Com base no que constitui o campo marxista-leninista, a nossa organização determinou as forças fundamentais em relação às quais centra os seus esforços de unificação para a reconstituição do Partido. Desse campo não excluimos qualquer organização camarada, a pretexto seja de "falta de ligação às massas" ou de "falta de proletarização".

No entanto, as marxistas-leninistas autênticos, tomando em linha de conta as posições ideológicas que determinam o campo marxista-leninista, não perdem de vista as atitudes das diversas organizações que o integram. Há que avaliar não só as posições ideológicas, mas também os actos. Há que avaliar se persiste irreversivelmente no erro, se recusa perenitemente assumir posições auto-críticas, se permanece denodo considerando as organizações irmãs como inimigos a abater. Tais atitudes colocarão as organizações fora do campo marxista-leninista.

Conhecido o nosso campo há que determinar os alvos de combate pela unificação dos comunistas e pela reconstituição do Partido. Os alvos do nosso combate são o cisionismo pequeno-burguês; os elementos com ele comprometidos irremediavelmente, e a linha oportunista anti-Partido e capituladora diante do social-imperialismo Russo por eles defendida. Assim, as contradições inerentes ao nosso movimento formam um sistema complexo. Há a contradição entre o espírito proletário, de Partido, e o espírito pequeno-burguês, anti-Partido; há a contradição entre a grande massa de militantes comunistas e o punhado de elementos anti-Partido que desde 1967 têm dominado o nosso movimento; há a contradição entre linha justa e linha oportunista.

Para marchar para a unificação dos comunistas e a reconstituição do Partido é que resolver essas contradições, há que fazer triunfar o espírito de Partido e isolar o punhado de oportunistas anti-Partido, e dotar-se de uma linha ideológica e política, no essencial justa.

A mais importante questão táctica é determinar entre o complexo de contradições existentes, aquela que é a principal, no momento actual, de cuja resolução dependerá a superação de todas as outras, e portanto será para ela que vamos virar o essencial da nossa atenção e esforços actual-

mente. A contradição principal a resolver, no momento presente, é a contradição entre o cisionismo pequeno-burguês e o espírito anti-Partido. Isso exige no plano ideológico, a resolução da contradição principal entre a linha justa para a unificação dos comunistas e a reconstituição do Partido, por um lado, e a linha oportunista, anti-Partido e sectária, por outro. Mas o combate contra o cisionismo pequeno-burguês, principal manifestação oportunista, no momento actual, responsável pela sabotagem do objectivo central, não se limita ao terreno ideológico, mas tem de ser trava-da contra os agentes do inimigo nas nossas fileiras, contra o punhado de elementos anti-Partido irremediavelmente comprometidos com o cisionismo. Estaline já salientara nos "Princípios do Leninismo" que o Partido só se fortalece depurando-se os elementos oportunistas anti-Partido, e critica o ponto de vista oportunista e conciliatório de que se pode vencer os elementos oportunistas apenas pela luta ideológica, sem utar o método revolucionário da depuração.

Na luta pela resolução das contradições adoptamos o método marxista-leninista da crítica e autocrítica com base nos princípios, no espírito de unidade e de franqueza comunista, bem como a tática geral de explorar todas as contradições; ganhar a si a maioria, os militantes comunistas autênticos; opor-se frontalmente à minoria oportunista anti-Partido, e esmagar esses adversários um por um.

.....

Com base nestas orientações estratégicas e táticas procurámos levar a cabo a unificação com os camaradas da U.C.R.P. (m+l), organização camrada que então nos apontara justamente este caminho. Resolvemos em nós a questão principal, esmagámos em nós o cisionismo pequeno-burguês, derrotámos ideologicamente o espontaneísmo e sectarismo das nossas anteriores concepções e orientações para a reconstituição do Partido, procedemos à autocrítica, com base nos princípios do marxismo-leninismo, da linha oportunista anti-Partido e dos seus principais responsáveis. Resolvida a contradição principal, o caminho ficou aberto para o ultimar da unificação. As duas organizações em presença queriam, a partir daí o mesmo Partido, e entendiam do mesmo modo a via para a sua reconstituição. A partir desta identidade fundamental, e sempre erguendo o espírito de unidade e a franqueza comunista, marchou-se para a definição de uma linha política e tática justa, resolvendo neste campo todas as contradições que porventura existiam.

A auto-crítica sincera de nossa linha foi apoiada pela esmagadora maioria dos militantes da U.C.M.L. e por toda a sua direcção provisória, que desse modo deu provas de se auto-criticar da responsabilidade da anterior actividade anti-Partido que orientara.

CAPÍTULO IV

Posição comunista e posição oportunista face aos elementos que traíram nas cadeias fascistas

Até Setembro de 1974, a posição da Direcção Provisória da U.C.M.L. era sumamente oportunista, tendo metido na sua direcção e noutros escalões da organização elementos que haviam traído anteriormente nas cadeias fascistas quando militantes de outras organizações políticas. Sobre esta questão, a posição da U.C.M.L. era idêntica há já tomada anterior-mente pelo Comité Comunista de Portugal, o qual tamb, em integrava na sua

direcção e noutros escalões elementos naquelas condições, o que já foi re-ferido anteriormente.

Em Setembro pretendeu a direcção provisória da UCML adoptar uma posição "mais correcta" e criticar publicamente, na altura, a atitude dos dirigentes do CARP-ml, que faziam passar uma esponja por cima do facto, e faziam inclusivé gala de terem determinados elementos nessas condições co-mo seus dirigentes. A posição que a direcção provisória da UCML então to-mou foi vedar o acesso à Direcção de militantes naquelas condições; exigir-lhes uma auto-crítica por escrito a ser analisada pela direcção; colocá-los em associações de massas onde dessem provas à vista da classe da sua reabilitação; e não lhes permitir que ocultassem a quem quer que seja a sua traição.

No entanto, na circular aos militantes ácerca do assunto publicada no "Páginas Vermelhas", suplemento ao nº 5 (28), e de que foram transcritos extractos na "Vanguarda Vermelha" nº3, a direcção provisória da UCML não fez qualquer auto-crítica ácerca da sua posição anterior, nem informou os militantes de que a haviam integrado elementos nessas condições, ocultando tal facto a pretexto de "sigilo conspirativo", quando o criticava acer-bamente aos dirigentes do CARP-ml ...! Não dando justificações claras para o facto de então ter publicado no "Páginas Vermelhas" nº5 uma circu-lar dando conta do afastamento de camaradas da direcção provisória(29).

A posição de fundo que baseava esta nova atitude era ainda oportunis-ta, pois considerava que elementos que haviam traído na cadeia eram "se-res reabilitáveis" "como qualquer revisionista (também traidor) que se co-rrija e alinhe com o comunismo e a revolução", e para apoiar tal regra gē-ral davam-se inclusivamente exemplos do movimento comunista português e do movimento comunista internacional, como hoje fazem os oportunistas. Esta posição oportunista apresentava-se rodeada de algumas posições jus-tas, atacando o liberalismo daqueles que não viam gravidade alguma nas traições, salientando que os elementos que haviam traído na cadeia teri-am de dar provas da sua reabilitação e apresentar a sua autocrítica.

Mas até a aplicação prática destas directivas falhou em diversos as-pectos, o que demonstrou mais uma vez a hesitação oportunista da direcção provisória da UCML.

As autocríticas nunca foram apresentadas, e isto apesar do prazo para a sua entrega ter sido estipulado até fins de Outubro, e quase só um ano mais tarde, recentemente, no decurso do processo de unificação com a UCRP tais autocríticas foram apresentadas e analisadas pela direcção...!

Apesar dos elementos que haviam traído na cadeia terem sido afastados da direcção, atribuiu-se-lhes posteriormente cargos de direcção na activi-dade sindical da organização e no jornal "A Classe Operária" e inclusivé num caso particular na Comissão Política da Direcção!!!

Como já salientámos, a posição de fundo era oportunista, era de consi-derar como militantes comunistas, elementos que haviam traído nas cadeias fascistas, elementos que haviam passado para o outro lado da barricada. O espírito com que os militantes e nós próprios éramos educados, era na prática, o espírito de conciliação sobre a questão, o espírito liberal sobre a atitude face à polícia, e nunca foram armados com a firmeza comu-nista. Esta posição oportunista pretendia encobrir-se com a directiva

(28) "Acerca dos ex-presos políticos anti-fascistas que traíram na polícia, e que se predispõem ao trabalho para a reconstrução do PC m-1" circu-lar nº 3, do P.V., suplemento ao nº 5, II quinzena de Setembro de 1974

pp.4 e 8.

(29) p.1

anti-estatutária de impedir que os militantes nessas condições fossem es-
colhidos para a direcção, o que vai contra os direitos de qualquer mili-
tante de uma organização comunista...

Mais recentemente, aquando do processo de unificação com a UCRP, os
camaradas desta organização foram firmes na crítica à nossa posição oportu-
nista, erguendo o principio correcto de que os elementos que haviam
traído nas cadeias fascistas não podiam ser militantes comunistas.

A Direcção Provisória da UCML resolveu então corrigir a sua posição.
Mas, não o fez ainda desta vez de um modo correcto, voltando a manifes-
tar o espírito oportunista face à questão. Apesar de considerarem que
os elementos naquelas condições não podiam ser militantes, o que já era
um passo em frente em relação à posição anterior, reabilitaram automáti-
camente todos os elementos naquelas condições, integrando-os como simp-
tizantes da UCML. Desta forma, mais uma vez, a excepção ao principio ge-
ral foi aplicado como regra.

Finalmente, com base na discussão do projecto de Estatutos, então
elaborado pela Comissão de Preparação da Conferência de unificação das
duas organizações, a direcção provisória da UCML procedeu à sua autocrí-
tica e à correcção desta última vacilação oportunista.

A este respeito a nossa atitude é a seguinte. O principio marxista-
leninista acerca da questão é que quem trai face ao inimigo de classe
não é mais digno do nome de comunista, e não mais pode integrar as nos-
sas fileiras de classe, pois a elas só podem vir aqueles que dêem provas
para tal, pois como dizia Estaline, a organização comunista é como uma
fortaleza. Há que ser firme na defesa deste principio comunista, pois
não só ele é espezinhado pelos dirigentes anti-Partido que se encontram
à frente actualmente do nosso movimento marxista-leninista, como foi es-
pezinhado pelos dirigentes da UCML durante muito tempo, o que acarretou
que nos educássemos a nós próprios e aos militantes comunistas no espí-
rito oportunista, liberal e anti-Partido acerca da questão.

Só armendo-nos com este espírito poderemos ser firmes face ao inimi-
go de classe, pois nenhum de nós quer manchar o nome de comunista, e po-
deremos desta forma servir a classe operária como o seu estado maior di-
rigente.

Mas como comunistas admitimos que é possível uma ou outra excepção,
pois somos materialistas, e a própria história do movimento comunista
nos aponta tal. Mas nós somos claros, a excepção nestes casos é remota
e muito rara. Jamais transformaremos essa excepção raríssima em regra,
como o praticam os dirigentes oportunistas do nosso movimento. As ex-
cepções que porventura existam devem ser vistas caso por caso, pesando
conscienciosamente a actividade desse elemento após a sua traição e
avaliando a própria gravidade da sua traição face ao inimigo de classe,
para podermos ajuizar se tal elemento pode ser reeducado ou não. Se o
balanço apontar que deve ser reeducado, então poderá ser integrado como
simpatizante, onde dará provas a longo prazo da sua reabilitação.

Face aos elementos que traíram na cadeia há que aplicar com firmeza
o principio marxista-leninista, corrigir a posição oportunista anterior
da direcção provisória da UCML e as decisões por ela tomadas, armar os
militantes com o verdadeiro espírito bolchvique, e deixar ao comité cen-
tral eleito por esta Conferência a aplicação da decisão que aqui tomar-
mos e a avaliação posterior caso por caso dos elementos que apresentarem
os dados referidos.

Apesar de todos os erros cometidos, e da gravidade do seu oportunismo, a nossa organização soube arripiar caminho e abraçar as ideias justas. Com esta Conferência propomos a dissolução da nossa organização e da sua direcção provisória. Que todos nós levemos ávante a auto-crítica que hoje aqui fazemos.

VIVA O MARXISMO-LENINISMO!

VIVA A JUSTA LINHA APROVADA NESTA I CONFERÊNCIA!

VIVA A NOVA ORGANIZAÇÃO QUE DAQUI HÁ-DE SURGIR!



ERRATA

Na página 4, falta a indicação das notas no texto. Devem colocar-se como se indica:

Nota (2) no 2º parágrafo, linha 4, a seguir a "prática".

Nota (3) no 2º parágrafo, linha 5, a seguir a "anteriormente".

Nota (4) no 4º parágrafo, linha 1, a seguir a "mais tarde".